



BONEQUEIRAS NO PÉ DE MANGA: MEMÓRIAS E HISTÓRIA

Larissa Rachel Gomes Silva^{1*}

Resumo: Este artigo traz o relato de pesquisa voltada para a Associação das Bonequeiras no Pé de Manga, um dos objetivos desse trabalho era dar maior visibilidade às histórias e memórias dessas mulheres, que encontraram na boneca de pano mais que uma fonte de renda, mas suas memórias da infância perdida, por meio de entrevistas, cada uma relatou suas lembranças, e como a participação na Associação mudou a vida de cada uma.

Palavras-chave: Bonecas de pano. História. Memórias.

DOLLS ON THE MANGO TREE: MEMORIES AND HISTORY

Abstract: This article brings the report of a research focused on the Association of Dolls on the Mango Tree, one of the objectives of this work was to give greater visibility to the stories and memories of these women, who found in the rag doll more than a source of income, but their memories from the lost childhood, through interviews, each one recounted their memories, and how participation in the Association changed the lives of each one.

Keywords: Cloth dolls. Story. Memoirs.

Introdução

A Associação das Bonequeiras no Pé de Manga é um grupo que nasceu em 2002 e perdura até os dias de hoje. O grupo foi formado na cidade do Crato – CE e desde a sua fundação apenas mulheres têm participado ativamente do processo de fazer bonecas de pano.

1. Mestre em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais - Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal de Pernambuco - (PPGAV UFPB/UFPE).

*Autor correspondente: larissa.rachel@hotmail.com

Recebido: 20/07/2019; Aceito: 17/06/2020.

Neste trabalho, são destacadas as sementes iniciais que fizeram germinar e resultaram na criação da Associação das Bonequeiras no Pé de manga e também alguns elementos das histórias de seis mulheres que fazem parte do grupo.

Para compreender melhor o surgimento do grupo é necessário fazer menção à psicodramatista Elisete Leite Garcia (Imagem 1), prima de Gertrudes Leites, atual presidente da associação que propôs à prima a criação de bonecas de pano para serem usadas em suas sessões de Tatadrama, pois segundo ela “O boneco de pano como “Objeto Intermediário” facilita a manifestação da subjetividade identificando a maneira pela qual se promove a relação do indivíduo com a vida, nos aspectos sociais, profissionais, culturais e familiares” (GARCIA; MALUCELLI, 2010, p. 72)



Imagem 1: Elisete Leite, s/a.
Fonte: Elisete Leite

Colocar essa ideia em prática foi desafiador:

No início do Tatadrama, em 2002, havia apenas uma bonequeira ativa em um sítio distante. Em face da necessidade de bonecos de pano para as dinâmicas do Tatadrama, sua criadora, tendo conhecimento das tradições artesanais nordestinas, procurou, dentre os seus parentes e amigos em Crato, o conhecimento dessa habilidade artesanal. Foi realizada uma pesquisa de porta em porta e assim, foram surgindo as primeiras mulheres que se dispuseram a contribuir com o que sabiam da arte. Tendo sido dado início à primeira reunião, onde cada participante contribuía com o que conseguia resgatar na memória: uma sabia como confeccionar o tronco, outra, os membros, outra tinha habilidade com bordados, o que possibilitava dar expressão ao rosto dos

bonecos, e com materiais diversos criaram-se vários tipos de cabelos. A partir de então colocando em prática as lembranças do passado aliadas a muita criatividade e imaginação, as agulhas e linhas, os retalhos de pano e tufo de algodão se transformaram em bonecos de pano (GARCIA; MALUCELLI, 2010, p.85).

Desta forma o grupo foi formado com mulheres que tiveram interesse em aprender mais sobre o ofício de fazer bonecas de pano e trazer essas “lembranças do passado”. Algumas das participantes do grupo comentaram que ao fazer a boneca tentam recordar o que viram as suas mães fazendo. Halbwachs (2006, p.31) nos ajuda a entender que “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”.

A escolha em trabalhar com a boneca nesta pesquisa dá-se justamente porque esse objeto também desperta memórias que vêm da minha infância. Apesar de nunca termos nos visto pessoalmente e mesmo sendo de gerações completamente diferentes, temos essa ligação afetiva com a boneca. Violette Morin nos fala dessa relação que temos com objetos comuns, eles possuem esses vestígios de memórias, de recordações:

También puede ser biográfico el objeto que se aleja de lo funcional para volverse cultural y decorativo: *el reloj de familia, la medalla del deportista, la máscara egípcia del etnólogo, el mapamundi del viajero*. Cada uno de estos objetos presenta una experiencia vivida, pasada o presente, de su poseedor y forma parte de su vida. Penetrar en una casa en la que decoración proviene de las aventuras profesionales, mentales o afectivas de su ocupante es tan indiscreto como investigar su identidad (MORIN, 1974 p.190).

Esse objeto propicia união e traz a tona memórias da infância. Nem todas as mulheres da Associação tiveram a oportunidade de usufruir desses momentos de ser criança. Muitas amadureceram muito rápido devido às necessidades econômicas familiares, mas mesmo assim carregam as memórias, do que quase não chegaram a ter, mas que hoje tentam resgatar.

Dentro deste contexto o objetivo com esta pesquisa é a produção feminina da Região do Cariri Cearense, com foco na Associação das Bonequeiras no Pé de Manga, com vistas a conhecer o grupo e suas histórias.

Metodologia

Esta pesquisa foi realizada com as integrantes da Associação das bonequeiras no Pé de Manga no município de Crato, Ceará no período de maio a junho de 2018.

A mesma foi realizada através de entrevistas individuais, previamente agendadas, sendo na ocasião utilizado questionário com perguntas roteirizadas, como nome completo, idade, estado civil, e a relação que as entrevistadas tinham com a boneca durante a infância, além de outras questões levantadas durante as entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas

Resultados e Discussão

Inicia-se com a apresentação de algumas das mulheres, da Associação das Bonequeiras no Pé de Manga, que agora participam da memória feminina da região do Cariri, com o trabalho de resgate de um objeto, que ainda faz parte da história de muitas mulheres.

Bonequeiras

Gertrudes Leite (Imagem 2), nascida em 4 de março de 1962, na cidade de Crato- CE casada e mãe de 4 filhos.



Imagem 2: Gertrudes com uma de suas bonecas, 2017.

Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva

Gertrudes iniciou sua fala relatando como o grupo começou, na época elas não conseguiram encontrar na região uma produção de bonecas de pano e o grupo foi se formando com mulheres que tinham algo em comum. Todas as que se interessavam em entrar no grupo falavam “Eu vi minha mãe fazendo”, se referindo às bonecas.

Logo, 16 mulheres estavam participando do projeto, proposto por sua prima Elisete, psicóloga, que vive em São Paulo. Essa ideia surgiu como um resgate da sua própria infância, quando ela brincava com as bonecas de pano.

Ela não teve boneca, não costurava quando era jovem. Algumas vezes sua boneca era um sabugo de milho ou qualquer outro objeto que pudesse lembrar um brinquedo. Morava em um sítio da cidade de Crato, não se vendiam bonecas nas redondezas e quando sua mãe podia, fazia suas bonecas. Era a mãe, que depois de trabalhar na roça, fazia uso dos retalhos para criar os brinquedos para a filha.

A realidade que a mãe de Gertrudes enfrentava era como a de tantas outras que: “(...) ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher” (FALCI, 2011, p.250).

Devido ao projeto da prima, passou a fazer bonecas e convidou outras mulheres que mostravam interesse em aprender e colaborar com o projeto. Agora adultas, juntas, estão resgatando através de suas memórias um brinquedo, que poderia ficar perdido no tempo, mas aos poucos vem ganhando mais visibilidade podendo se tornar um patrimônio.

Francisca Pianco, nascida em 23 de agosto de 1946, na cidade de Crato-CE, casada e mãe de 5 filhos, conhecida também por Dona Francisquinha (Imagem 3). Relatou que quando era criança não fazia bonecas, brincou muito, sua mãe era agricultora, quando ficou mais velha ficava encarregada de levar o almoço para a mãe na roça. Quem costurava era sua madrinha, ela não sabia fazer boneca, seu pai quando tinha oportunidade e condição, levava para ela bonecas que comprava na feira.



Imagem 3: Dona Francisquinha, 2017. **Fonte:** Larissa Rachel Gomes Silva

Também se casou cedo, voltou a brincar com bonecas aos 60 anos, quando foi convidada para participar da Associação. O marido não a apoiou quando começou a fazer as bonecas, teve sérios problemas com ela, mas hoje ele passou a apoiar o seu trabalho. Até os 60 anos não tinha liberdade de fazer o que queria. As bonecas, de certa forma, foram responsáveis pela autonomia que tem agora em sua própria vida.

A história de D.Francisquinha se une a de muitas mulheres no Brasil e em outros países pelo mundo afora, pois as regras sociais estabelecidas sobre o lugar que deveriam frequentar e as atividades que deveriam assumir se restringiram durante muito tempo ao interior do lar: a criação dos filhos, os afazeres domésticos, a submissão ao marido. Em muitos casos, eram obrigadas a casar sob as decisões do pai que escolhia e decidia com quem, decisões essas que atravessaram classes sociais distintas como podemos perceber na reflexão de Falci:

As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas “prendas domésticas” – orientar os filhos, fazer ou mandar, fazer a cozinha, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aulas de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole (FALCI, 2011, p.249).

Perceber-se que Dona Francisquinha está entre essas duas realidades: antes era apenas a dona de casa e depois de entrar no grupo passou a ajudar na renda familiar.

Seu marido, que antes era contra a sua participação no grupo, passou a ver esse trabalho de outra forma e deixou de pensar que era “perda de tempo”, notou que era algo rentável e que ajudaria no sustento da casa. Ela confidenciou que, certa vez, o marido comentou que se tivesse jeito a ajudaria a fazer as bonecas.

A boneca de pano representa para ela um resgate da sua infância, já que como outras bonequeiras do grupo, teve que amadurecer cedo, justamente por ser mulher, tinha que ajudar nos trabalhos domésticos. Esse resgate se repete nos depoimentos. Para elas não é só uma forma de trazer um objeto para os tempos atuais, é dar a oportunidade para mulheres como Dona Francisquinha de “brincar”, pois é a infância que estão tendo a oportunidade de reviver, criada por suas próprias mãos.

Ana Tereza Luna Bezerra (Imagem 4) nasceu em 20 de março de 1978, na cidade de Crato-CE, solteira, e mãe de 2 filhos, uma falecida. Está na Associação desde o início. É a única até o momento com nível superior completo, é formada em Letras pela URCA. Sua habilidade em reproduzir personagens é reconhecida por Gertrudes que elogia suas habilidades e atenção aos detalhes.



Imagem 4: Ana Tereza. 2017.

Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva

Como as outras ela não teve uma boneca de pano quando criança, as bonecas que teve eram de plástico. Não tem muitas memórias da sua infância e sua relação com as bonecas que

tinha.

Ana relatou que ficou afastada da Associação por um determinado período, porém após a morte prematura de sua filha de 5 anos, ela retornou e acredita que fazer as bonecas é como se estivesse fazendo-as para a sua filha. Por isso, fazer bonecas para ela é como uma terapia, é possível ver o carinho que tem pelas bonecas que faz:

Tudo começou como um passatempo, uma curiosidade, mas nunca tinha tempo, ou achava tempo, mas depois de uma perda muito grande em minha vida, tive que me refazer, me reinventar e como tinha habilidades manuais, resolvi fazer o que tinha vontade e não tinha me encorajado, e deu certo. Hoje as bonecas significam, não só um modo de terapia, de hobby, mas de incentivo, de esperança, a cada boneca, um novo sonho.

As minhas bonecas eram de borracha, e sempre gostei de fazer roupinhas, algumas bonecas de pano também, guardo belas lembranças da minha infância, e em alguns atos de minha vida adulta hoje com 40 anos, me identifico com coisas e momentos que vivi na brincadeira com bonecas. Sempre brincava com amigos, dificilmente sozinha.

É um meio de engrandecer o grupo, usar nossos dons a serviço dos outros, uns ajudando os outros, eu passo adiante o que sei, e as meninas o que elas sabem, uma troca experiência de vida e arte. Trabalhando, vivendo, brincando (Relato de Ana Tereza).

O depoimento mostra o quanto essas mulheres conseguem, juntas, ajudar umas às outras, não só no sentido de criar as bonecas, mas também nos problemas que a vida nos traz, o que lembra o *kaffeeklatsch*, um tipo de reunião informal onde se toma café enquanto conversa: “sempre considerei que o *kaffeeklatsch* era um remanescente de algum antigo rito feminino de reunião, um ritual de conversa íntima, mulheres falando com suas entranhas, dizendo a verdade, rindo até parecerem bobas, revigoradas, de volta ao lar, sentindo tudo melhor (ESTÉS, 1994, p.421-422)”.

Acreditamos ser esse o motivo de muitas delas repetirem que fazer bonecas é uma terapia, sejam juntas ou cada uma em sua casa, é um momento só para elas mesmas, em que podem se concentrar e criar um universo particular.

Maria Vilani Luna nasceu em 22 de outubro de 1937, também na cidade de Crato-CE, viúva e mãe de 8 filhos. Sua mãe era costureira para ajudar na manutenção da casa, Dona Vilani (Imagem 5) ficava encarregada de cuidar dos irmãos menores. Como tinha que cuidar dos irmãos para que a mãe pudesse trabalhar, não aprendeu a costurar com ela, apenas tentava reproduzir o que conseguia ver quando não estava sendo babá. Morava em um sítio cheio de

árvores frutíferas, mas brincava em um pé de manga com os irmãos, porém ela não brincava, cuidava deles, pois era a responsável.



Imagem 5: Dona Vilani, 2017.
Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva

Começou a fazer roupas para as bonecas que fazia, com as roupas velhas que a avó cedia, sua mãe não dava os retalhos das roupas que fazia. Casou cedo, não teve tempo de brincar como gostaria, teve sete filhos, dos quais dois faleceram e adotou Ana Tereza. Ficou viúva duas vezes, a primeira aos 23 anos, por isso teve que começar a trabalhar cedo, foi quando aprendeu a costurar de “verdade”.

Entrou na Associação aos 70 anos participando no projeto de corpo e alma. Brincava com as bonecas que fazia, já que não conseguiu na infância. Apesar da idade, hoje com 80 anos, continua fazendo bonecas. Segundo ela, sente dificuldade, mas impressiona a perfeição das bonecas que cabem na palma da sua mão (Imagem 6).



Imagem 6: Detalhe mini boneca feita por Dona Vilani, 2017. **Fonte:** Larissa Rachel Gomes Silva

Fazer a boneca para ela é uma terapia, ela se sente brincando. Quando está vendo a boneca relembra a infância, as dificuldades que enfrentou, as bonecas que tentava fazer com tiras de retalho e sabugo de milho, mesmo que não fosse para ela. Candau (2016, p.9) afirma que a memória é acima de tudo uma reconstrução continuamente atualizada do passado. A boneca a ajuda a esquecer de seus problemas. Ela se sente bem com o que faz. “Ela representa em mim uma criança”.

Luiza Marilaque Oliveira Fidelis nasceu em 27 de janeiro de 1980, na cidade de Crato-CE, casada, mãe de 2 filhos. Num primeiro momento tivemos a oportunidade de conhecer todas as bonequeiras pessoalmente, mas também mantivemos contato por meio do *whatsapp* e conseguimos fazer algumas perguntas, como no caso de Marilaque (Imagem 7) que faz parte da associação desde 2002.



Imagem 7: Marilaque Oliveira, 2017. **Fonte:** Larissa Rachel Gomes Silva

A primeira pergunta foi qual era a primeira lembrança dela com a boneca. Sua resposta foi simples e direta:

“A primeira lembrança é que tempo atrás a gente ficava satisfeita em ter uma boneca para brincar e que nossas mães já tinham passado por essa experiência”.

Marilaque demonstra valorizar o fato de ter uma boneca quando era criança, apesar de

parecer algo comum na visão de algumas pessoas. A realidade de muitas mulheres que fazem parte desse grupo é que enfrentaram a perda da infância cedo e não tiveram tempo de brincar, fosse com uma boneca ou com qualquer outro brinquedo, como ressalta FALCI (2011, p.250) “As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento”.

Mas também queria saber o que a boneca de pano representa para ela. Assim, ela disse: “*Ela representa, diversão, trabalho digno, e importância onde estamos resgatando lembranças das pessoas*”.

Em seguida perguntamos sobre as mudanças que a Associação causou em sua vida. Em sua narrativa Marilaque destaca: “*Mudou algumas coisas tenho mais amigos no projeto, e lá podemos contar umas com as outras também nos divertimos, tiramos nossos estresses*”.

Rosario Oliveira (Imagem 8) nasceu em 14 de outubro de 1969, na cidade de Crato-CE. Casada, e tem um filho, irmã de Marilaque, citada anteriormente.



Imagem 8: Rosario Oliveira, 2018.
Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva

É autodidata, possui muitas habilidades manuais e aprendeu sozinha a costurar, bordar e também a fazer bonecas. Chegou a dar aulas na educação infantil depois que terminou a escola normal, mas se encontrou no artesanato. Rosario respondeu às mesmas perguntas que fizemos a sua irmã, suas respostas estão a seguir.

Sobre sua primeira boneca Rosario comentou: “*Minha boneca de pano foi um pano enrolado em um sabugo de milho eu fazia olhos e bocas com tinta de caneta. Não parecia nem um pouco com as que eu faço hoje.*”

Sobre o significado do que a boneca representa para ela, Rosario enfatizou que:

“Representa uma busca de resgate da cultura nordestina onde muitas crianças e adolescentes passaram pelo mesmo que passei brincando com sabugo de milho, etc. Hoje realizo fazendo histórias com as bonecas que confecciono, para trabalhos com psicologia para levarem até outras pessoas que de alguma maneira fazem parte ou se recordam de quando era criança”.

A história dessas mulheres e sua relação com a boneca de pano têm momentos comuns. Primeiro são mulheres que antes de iniciarem esse trabalho eram donas de casa, sua vida era dedicada aos serviços domésticos e criação dos filhos. As bonecas de pano fizeram parte da sua infância, algumas apenas as viam de longe e se transformaram em objetos de desejo. Hoje produzem suas bonecas com as memórias que ficaram sobre elas da época em que eram crianças, pois, mesmo sem possuir uma, a lembrança ainda é forte. Zaccara (2017) bebendo nas reflexões sobre memória e identidade tecidas por Candau (2012) diz o seguinte:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também modelada por nós. Isso resume a relação entre memória e identidade: elas se conjugam e se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra pra produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva e um fator extremamente importante em relação ao sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo (ZACCARA, p. 29, 2017).

Estar em um processo criativo quando há o prazer pelo que se faz é quase como se fosse possível perder a noção do tempo, afirmo pela minha própria experiência, e vejo nesse grupo o prazer em fazer essas bonecas. Não é como uma obrigação, cada boneca recebe atenção especial quanto à cor do cabelo ou a estampa das roupas.

A infância dessas mulheres é uma parte das suas vidas que foi perdida precocemente e agora está sendo resgatada. Elas estão (re)criando sua própria infância, estão tendo a oportunidade de mostrar o que não viveram e fazendo com que outras crianças e adultos também possam visitar suas memórias.

A presença da infância é algo comum na nossa produção, pois o trabalho com as bonecas é ao mesmo tempo um resgate de um objeto e um resgate das suas próprias memórias. Fazer bonecas para mim e para elas é ter esses momentos de volta, de lembrar e fazer outras lembrarem, é um compartilhamento de recordações.

Ernst Fischer (1987) define esse compartilhamento de memórias do artista na arte da seguinte forma:

Para conseguir ser um artista, é necessário dominar, controlar e transformar a experiência em memória, a memória em expressão, a matéria em forma. A emoção para um artista não é tudo; ele precisa também saber trata-la, transmiti-la, precisa conhecer todas as regras, técnicas, recursos, formas e convenções como que a natureza – esta provocadora – pode ser dominada e sujeitada à concentração da arte. A paixão que *consume* o dileitante *serve* ao verdadeiro artista; o artista não é possuído pela besta-fera, mas doma-a (FISCHER, 1987, p. 14).

Conhecer essas mulheres, ter a oportunidade de escutar suas histórias e ver a habilidade que elas têm em criar bonecas com temas tão variados, foi uma grande fonte de inspiração. Embora consciente de que meu objetivo inicial era estabelecer um diálogo entre a minha produção e a do grupo, percebi que tenho muito mais a aprender com elas do que o contrário. A prova disso é o processo que iniciei depois de me permitir aprender com elas.

Considerações Finais

Investigar e entender a importância da história e do registro da produção artística, bem como de suas artistas é uma tarefa fundamental para aqueles que se debruçam nos estudos científicos das Artes Visuais.

Nesse sentido, entendendo que aprofundar uma pesquisa onde tenho como foco a cidade onde passei grande parte da minha vida, o Crato, estudando um grupo específico de mulheres, ou melhor, a Associação das Bonequeiras no Pé de Manga é uma forma de dar visibilidade não apenas a elas mas também a mim mesma como mulher. Vejo que é necessário me reportar a minha localidade, me reafirmar como artista dessa região e contribuir com os estudos de campo.

Entretanto, é necessário levar em conta a seguinte situação: a Região do Cariri apesar de ser vista para alguns como um “celeiro cultural”, não tem um circuito artístico forte. O que quero dizer com isso é que a região conta com um Centro Cultural do Banco do Nordeste, localizado na cidade de Juazeiro do Norte, fundado em 2006; possui outros espaços expositivos, oferecidos pelas unidades do SESC - Serviço Social do Comércio, com funcionamento nas cidades do Crato e Juazeiro do Norte. Outro ponto relevante é o Curso de Artes Visuais e Teatro, que passou a funcionar apenas em 2008, na Universidade Regional do Cariri – URCA.

Ou seja, a região tem uma grande riqueza cultural, uma população que em grande parte demonstra ter habilidades técnicas e manuais, além dos que carregam os conhecimentos que

foram passados por gerações. Percebo apesar de tudo, a região não recebe um grande circuito e incentivo artístico e cultural. Por isso, essa pesquisa teve como foco a Associação das Bonequeiras no Pé de Manga. Elas não têm formação acadêmica em Arte, mas têm muitas habilidades e potencialidades artísticas e seus processos criativos são continuamente ativados seja individualmente, em suas próprias casas, seja coletivamente quando estão juntas na Associação.

Referências

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. São Paulo, Editora LTC. 1987

GARCIA, E. L.; MALUCELLI, M. I. C. **Tramas e Dramas do Boneco de Pano no Tatadrama**; 1 ed.; Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FALCI, M. K. Mulheres do Sertão Nordeste. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. MORIN, V. El Objeto Biografico, p.187- 199. In: **Los Objetos**. Abraham A. Moles, Jean Baudrillard, Pierre Boudon, Henri van Lier, Eberhard Wahl, Violette Morin, Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1974.

ZACCARA, M. **De Sinhá Prendada a Artista Visual: os caminhos da mulher artista em Pernambuco**. Recife: Ed. Do Organizador, 2017.

■